

FHC diz que teria sido eleito sem o PFL

RUY BAROVALOR — 27/11/2001

Sergio Leo e Luiz Herrisson
De Fortaleza e Apodi (RN)

Preocupado com o efeito da crise com o PFL nas votações previstas para os próximos dias, o presidente Fernando Henrique Cardoso cobrou o compromisso anunciado pelo presidente do partido, Jorge Bornhausen, de garantir a votação de projetos como o que prorroga a CPME. "Não nos juntamos por interesse eleitoral; eu poderia ter ganhado a eleição sozinho", criticou o presidente, que viajou ao Ceará para a reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

"Nos juntamos por um programa para o Brasil", declarou Fernando Henrique. "Tenho a palavra de Jorge Bornhausen e do (vice-presidente) Marco Maciel de que a saída (do PFL) do ministério, por uma questão tópica, não implicaria em quebra do compromisso com o país", disse, argumentando que a votação de projetos de interesse do governo não deveria ser afetada por disputas em torno de "questões que só vão se colocar no futuro, na época de eleição".

O presidente mandou também um recado para o próprio partido, sugerindo uma trégua. "O PSDB vai deixar qualquer discussão que possa ter com outros partidos da base para mais tarde; vamos continuar juntos", disse. Ao reafirmar o apelo ao PFL, FHC chegou a cometer um ato falho: "Tenho certeza de que nas eleições... nas votações que teremos a partir de terça-feira o PFL vai mostrar empenho".

FHC reconheceu que estava errado ao classificar de "tempestade em copo d'água" a reação dos pefelistas à operação no escritório da governadora do Maranhão, Roseana Sarney, e seu marido Jorge Murad. "Foi produzida uma tempestade", comentou: "Queria dizer que não via razão de culpar o governo, que não tinha nada a ver com o incidente", argumentou, lembrando que a ação da Polícia Federal havia sido ordenada pelo Judiciário, "sem a mais mínima (sic) participação do governo".

Ao chegar a Apodi, a 334 quilômetros de Natal (RN), FHC fez um novo apelo ao PFL para que o partido reveja a decisão de romper com o governo e volte a integrar a aliança. "Em oito anos de governo, nunca discriminei ninguém, nem mes-

mo a oposição. Muito menos os partidos que me cercam. Nós temos que nos dar as mãos", declarou FHC, durante discurso de inauguração da barragem de Santa Cruz. "Há momentos da história que a rixa política não justifica não estarmos juntos pelo Brasil".

Sem citar nominalmente o PFL, o presidente disse que espera que o partido se reintegre ao governo até o fim do seu mandato. "Gostaria de terminar o meu governo como estamos hoje aqui, cercados por todos aqueles que me ajudaram esses anos todos", citou FHC, referindo-se à presença de políticos do PSDB, PFL, PMDB e PTB.

Consciente de que a separação não se encerrará de imediato, FHC reafirmou que conta com os votos do PFL no Congresso para aprovação das medidas importantes para o país — numa referência à aprovação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). "Tenho certeza de que, inspirado no amor ao Brasil, vou continuar, nos projetos bons para o país, com o apoio de todos".

Na avaliação do presidente, o momento atual, às vésperas da eleição, dificulta a unidade dos diversos partidos da base governista. "Sabemos que naturalmente entramos numa época difícil, que é a de campanha, onde é natural que as pessoas expressem suas opiniões, convoquem o povo", analisou. "O Brasil precisa estar acima de qualquer interesse pessoal ou partidário", ressaltou. Em relação à oposição, o presidente defendeu um pacto de respeito mútuo. "Se a pessoa (do presidente) não merece, a instituição da Presidência merece. Isso é democracia".

Antes da chegada de FHC, o senador José Agripino Maia garantiu que o rompimento é definitivo. "Não adianta falar em recomposição com o governo, em recomposição do ministério, porque a posição do governo está tomada". Mesmo com as denúncias contra a governadora Roseana Sarney (MA), Agripino sustentou que o partido não vai abandonar a candidata. "Se Roseana quiser, por deliberação pessoal dela, se julgasse conveniente, poderia renunciar à candidatura. Mas não a abandonaremos nunca". O líder do PFL no Senado confirmou que o partido vai votar favoravelmente à CPME.



Bornhausen: presidente do PFL não comenta frase de FHC e diz que 'coerência' deve levar parlamentares a manter voto que aprovou 1º turno da emenda